

D.PEDRO II TRADUTOR: ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO

Sergio Romanelli
Universidade Federal de Santa Catarina
sergioroma70@gmail.com

Adriano Mafra
Universidade Federal de Santa Catarina
adrianoschrull@gmail.com

Rosane de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina
rosanemay@hotmail.com

Resumo: Neste artigo investiga-se o trabalho tradutório de D. Pedro II. Ao longo de sua vida demonstrou grande interesse pelas línguas. Falava alemão, italiano, espanhol, francês, latim, hebraico e tupi-guarani. Lia grego, árabe, sânscrito e provençal. Fez traduções do grego, do hebraico, do árabe, do francês, do alemão, do italiano e do inglês. Objetivava-se delinear o processo criativo do tradutor através da Crítica Genética e dos Estudos Descritivos da Tradução, pois ambos privilegiam o processo em relação ao produto final. As principais fontes documentais em que se baseiam as investigações aqui propostas são manuscritos autógrafos de traduções diretas do árabe, italiano, espanhol, francês e sânscrito, o diário do imperador, além de cartas e livros da sua biblioteca pessoal. Pretende-se reconstruir não somente o perfil de tradutor de D. Pedro II, suas ideias e atitudes acerca da atividade tradutória, mas também o estudo daquela rede única de contatos, leituras e influências procedentes de várias culturas, não somente europeias, que o imperador conseguiu tecer.

Palavras-chave: D. Pedro II, análise genética, interculturalidade, tradução.

D. PEDRO II AS TRANSLATOR: AN ANALYSIS OF THE CREATIVE PROCESS

Abstract: This paper investigates the translation work of D. Pedro II. Throughout his life he showed great interest in languages. He spoke German, Italian, Spanish, French, Latin, Hebrew and Tupi-Guarani. He read Greek, Arabic, Sanskrit and “Provençal”. He translated from Greek, Hebrew, Arabic, French, German, Italian and English. The aim of this research is to delineate the creative process of the translator through the Genetics Critics and the Descriptive Studies of Translation, because both of them privilege the process in relation to the final product. The main documentary sources on which this research is based on are autograph manuscripts of direct translations from Arabic, Italian, Spanish, French and Sanskrit, the Emperor’s diary, in addition to letters and books from his personal library. The paper intends to rebuild not only the translator profile of D. Pedro II, his ideas and attitudes towards the translation activity, but also the study of the unique network of contacts, readings and influences proceeding from many cultures, not only Europeans, that the Emperor was able to intertwined.

Keywords: D. Pedro II, genetic analysis, interculturality, translation.

Introdução

O projeto “D. Pedro II: um tradutor Imperial”, vinculado ao Núcleo de Estudos do Processo Criativo (NUPROC – UFSC, <http://www.nuproc.cce.ufsc.br>), pretende divulgar a atividade intelectual deste personagem ligado à história do Brasil e de Portugal, mas pouco citado e conhecido por sua atuação enquanto tradutor. Pretende-se analisar as traduções literárias, de várias línguas clássicas e modernas, realizadas pelo imperador e ignoradas pelos registros oficiais que focaram notadamente seus atos políticos e administrativos. O objetivo deste projeto consiste na reconstrução não somente do perfil de tradutor de D. Pedro II, de suas ideias e atitudes acerca da atividade tradutória, mas também no estudo daquela rede única

de contatos, leituras e influências procedentes de várias culturas, não somente europeias, que o imperador conseguiu tecer. Através do estudo dessas traduções, busca-se reconstituir essa complexa rede de contatos e estudar que peso teve na constituição da identidade brasileira. De um ponto de vista absolutamente interdisciplinar, o projeto almeja ainda contribuir com os Estudos da Tradução, com a Crítica Genética, com a História e com a Literatura Brasileiras. Serão utilizados como embasamento teórico e metodológico os Estudos Descritivos da Tradução e a Crítica Genética a fim de reunir dados sobre esse tradutor e seu processo criativo.

O Imperador tradutor

D. Pedro II, ou “O Magnânimo”, nasceu em 02 de dezembro de 1825 e governou o Brasil no período de 1840 a 1889, destacando-se como um grande incentivador da cultura e da educação. Além disso, tornou-se, com o passar do tempo, um convicto tradutor, anotando em seus diários não apenas observações cotidianas de tudo que o cercava, mas também sobre traduções de diversas obras em diversas línguas que fizera ou que almejava fazer.

O estudo de línguas absorveu grande parte da vida do imperador, atividade por ele desenvolvida de maneira intensa. O gosto pelo estudo de línguas teve início na infância quando o “pupilo da nação” preparava-se para ocupar o cargo de chefe de estado. Entre as línguas que figuravam nessa primeira fase estavam o inglês e o francês, logo após somaria o alemão, o italiano e o espanhol. Já em 1875, o monarca iniciou os estudos das línguas do oriente médio, como o árabe, o hebraico e o sânscrito.

Segundo Holanda (2010), a disposição para o estudo das línguas era tamanha que mesmo em viagens, seus mestres o acompanhavam. Um depoimento da princesa Teresa da Baviera, que esteve no Brasil pouco antes da queda da monarquia, diz que D. Pedro II dominava quatorze línguas, e que durante sua estada no país ela o viu

traduzir textos do árabe e também textos difíceis do hebraico. Com a princesa, D. Pedro II discutiu sobre a literatura alemã nas muitas conversas que tiveram. Para Holanda (2010) as afirmações da princesa precisam ser avaliadas moderadamente, pois necessitaria saber o nível de conhecimento linguístico dela para então verificar suas avaliações a respeito do imperador. Entretanto, Carvalho (2007) pondera sobre a memória prodigiosa de D. Pedro II, que lhe permitia lembrar com facilidade praticamente tudo o que lia.

O imperador traduziu uma gama variada de textos. Em seu diário pessoal encontram-se também anotações a respeito de suas traduções e das datas em que foram realizadas e dos títulos das obras que se propôs a traduzir. Nomes como Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, Liégeois, Homero, Lamartine despontavam entre os autores traduzidos. Dedicou-se de igual forma à troca de correspondências e a encontros com inúmeros intelectuais, poetas e escritores de diversas partes do mundo. Por meio das cartas e das conversas, D. Pedro obtinha informações, tirava dúvidas sobre palavras, trocava opiniões, além de receber apoio desses intelectuais que admiravam sua dedicação à tradução.

Podemos citar como exemplo as correspondências trocadas entre o imperador e Joseph Arthur de Gobineau (Ville-d'Avray, 14 de julho de 1816- Turim, 13 de outubro de 1882), um dos mais importantes teóricos a tratar da questão do racismo no século XIX. Gobineau foi, também, diplomata, escritor e filósofo, tornando-se amigo de D. Pedro II depois de sua estada no Brasil como ministro da França. Em cartas enviadas ao seu amigo Prokesch-Osten, Gobineau declara seu horror ao Brasil, mas não ao governante do país, que ele lamenta ser "Imperador, pois possui talentos e méritos demais para tal cargo" (RAEDERS, 1944, XIX).¹

Quando Gobineau residiu no Rio de Janeiro, ele e o imperador reuniam-se em São Cristóvão aos domingos para conversar sobre literatura, ciências e outros temas. Essas tardes são lembradas por ambos nas correspondências. O Conde escreve que ele e D. Pedro II conversam sobre muitos assuntos e nem sempre eram da mes-

ma opinião (RAEDERS, 1938, p. 12). Eram homens com atitudes muito diferentes, um ponderado e calmo e o outro impulsivo, violento. Entretanto, amavam a literatura e a arte e esse era o ponto central de suas “palestras em São Christovão” e das correspondências que iniciaram após o retorno do Conde ao seu país em 1870.

Em carta datada de 24 de julho de 1870, que segundo Raeders é a primeira endereçada ao imperador, ele relata, entre outros assuntos, sobre uma

bella publicação feita na Allemanha, por Flugel, o Editor de Koran. Elle imprime neste momento a especie de encyclopedia arabe de Ennedyn, intitulada: Thrist-al Ouloum, o catalogo das Sciencias. Infelizmente, [...], elle dá o texto, notas, commentarios e nada de traducção [...]. (RAEDERS, 1938, p. 19)

Ou em 7 de janeiro de 1871: “A intenção que vossa magestade tem de continuar as duas traducções de Isaias e de Prometheu me causa um prazer extremo”. (RAEDERS, 1938, p. 34).

Um dos temas que se prolonga pelos vários anos de correspondências entre os dois amigos é a tradução do “Prometeu acorrentado” de Esquilo, à qual D. Pedro II se dedicava. Gobineau queria que fosse realizada em verso, porém o imperador vertia a obra em prosa. A tradução foi editada em 1897 pela Imprensa Nacional, com transladação poética do Barão de Paranapiacaba. As correspondências entre os dois amigos duraram 11 anos, encerrando-se mais ou menos dois meses antes da morte do Conde, em Turim. As inúmeras cartas entre Gobineau e o imperador permitem verificar que este não era considerado por intelectuais de renome como um indivíduo de cultura superficial e pedante.

Retomando a questão das traduções realizadas por D. Pedro II, algumas encontram-se guardadas no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e no Instituto Histórico e Geográfico Brasi-

leiro, além de acervos particulares. Em termos de obras publicadas, somam-se tão somente três, a saber:

1. “Prometeu Acorrentado”, de Ésquilo (original de Eschylo) traduzido para o português por ele mesmo, na condição de Imperador do Brasil (cf. Bibliografia: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907);
2. “Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II”, sendo este uma homenagem de seus netos (cf. Bibliografia: Petrópolis: Typographia do Correio Imperial, 1889). Nesta obra, encontram-se as seguintes traduções, muitas vezes dividindo as páginas com o texto original:
 - Episódio do “Conde Ugolino” e de “Francisca de Rimini” (Divina Comédia – Dante Alighieri);
 - Ode “Cinco de Maio” (*Il Cinque Maggio* – Alessandro Manzoni);
 - “A canção dos latinos” (*La Canzone dei Latin* – autor não assinalado);
 - Soneto “A Aloys Blondel” (*A Aloys Blondel* – François Coppée);
 - “Soneto” (*Sonnet* – Félix Anvers);
 - Poema “A Passiflora” (*La Passiflore* – Condessa de Chambrun);
 - “Soneto” (*Sonnet* – D. Mon);
 - “Soneto a Coquelin” (*Sonnet a Coquelin* – Jean Richepin);
 - “Soneto” (*Sonnet* – Sully Prudhomme);
 - Sonetos “O magistrado”, “A la mignarda” e “A terra natal” (*Le Magistrat/A la Mignarde/Le sol natal* – Rigaud);
 - “Soneto” (*Sonnet* – General Carnot);
 - Soneto “O beija-flor” (*Le colibri* – Leconte de Lisle);
 - “O Adeus” (*Les Adieux* - autor não assinalado);
 - “Soneto” (*Sonnet* - Helena Vacaresco);
 - “O besouro”, “Cantiga de Nadaud” e “Versos de Gustavo Nadaud” (*Le Hanneton/Chanson de Gustave Nadaud/ Vers de Gustave Nadaud*);

- Poema “A borboleta e a flor” (*Le papillon et la fleur* – Victor Hugo);
- Poema “O choro d’uma alma perdida” (*The cry of a lost soul* – John Whittier);
- Poema “O canto do siciliano: El-Rei Roberto da Sicília” (*The Sicilian’s Tale: King Robert of Sicily* – Henry Wadsworth Longfellow).

3. “Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin”, impressa em Avignon, em 1891.

Como já mencionado, vários títulos de suas traduções são citados por D. Pedro II no seu diário. Na sua viagem ao Oriente, ele relata que ao sentar-se perto do arroio Dhirani, continuou a tradução dos “Atos dos Apóstolos”: “18 de novembro de 1876: [...] Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani” (Diário do Imperador, vol.18).

As notas sobre a “Odisséia” aparecem a partir de 1890. Em 22 de janeiro, D. Pedro II relata que “[...] Ainda traduzi a Odisséia e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold [...]” (Diário do Imperador, vol.30). Há notas sobre o andamento dessa tradução até 9 de setembro do mesmo ano, quando o imperador afirma comparar a sua tradução com a de Odorico Mendes.

A tradução de Schiller inicia a bordo do navio que o levava para o exílio em 1889 (HOLANDA 2010). No diário, encontram-se anotações em 29 de julho de 1890 que revelam os anseios do monarca em traduzir o escritor alemão: “[...] Deu-me vontade de traduzir a balada [do Sino] de Schiller [...]” (Diário do Imperador, vol.32). Dessa data em diante, seguem-se anotações diárias demonstrando que D. Pedro estava empenhado em sua tradução. E em 14 de agosto de 1890 ele registra: “[...] Parece querer chover. Vou ao Schiller. 3h ¼ Estive às voltas com a cópia da tradução do

Schiller [...]”. Pode-se presumir, portanto, ele já teria finalizado a tradução. Em 18 de agosto ele escreve: “1h ½ Estive corrigindo a cópia de minha tradução de Schiller com a Japurinha e quase terminei” (Diário do Imperador, vol.32), corroborando com a afirmação acima. Essa tradução foi ofertada por D. Pedro II à princesa da Baviera e à Condessa de Barral: “[...] Depois da ducha dei bom passeio e agora de escrever à condessa enviando-lhe minha tradução de O Sino de Schiller, [...]” (Diário, 25 de agosto de 1890).

Em outros momentos do diário observamos que, após redigir uma primeira versão da tradução, quase sempre auxiliado por um especialista da língua e da cultura de origem, mandava transcrever a versão que, às vezes, retrabalhava; e antes disso, ou depois, conforme os casos, enviava suas traduções para amigos, intelectuais, amantes e outras pessoas, tanto para presenteá-los com sua criatividade quanto para receber deles admiração, estima e um retorno acerca da qualidade de seu trabalho:

10¼ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. [...] Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...] (Diário do Imperador, vol. 35).

E ainda testemunhos do despertar súbito do desejo de traduzir determinado poema, o estudo aprofundado que seguia a esse primeiro momento de estímulo criativo e, em seguida, as transcrições e o envio para amigos e confiantes em busca de um julgamento ou de uma atestação de seu trabalho, confirmando certa regularidade no sistema criativo do imperador: “17 de maio de 1891 [...] 10 h Li

pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la” (Diário do Imperador, vol.39).

Sobre a obra “Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin” (1891), há uma carta datada de 22 de abril de 1914 (que consta no livro *O Imperador Visto de Perto* de Múcio Teixeira), de Albino Costa ao Barão Múcio Teixeira, que expõe muitos detalhes sobre a tradução realizada por D. Pedro II. Segundo o Sr. Albino Costa, os arquivos do Conde de Mota Maia possuem muitos “autógrafos de S. Majestade” (TEIXEIRA, 1917, p. 204) com poesias inéditas. Na análise do Sr. Albino Costa, o monarca verteu maravilhosamente bem do rito hebraico para a língua francesa, pois ele conseguiu reproduzir os versos cantados de seis sílabas para decassílabos com o “mesmo rythmo e técnica da lyrica luso-provençal do século XIII” (TEIXEIRA, 1917, p. 240) . Nesta obra, há uma introdução e notas que ocupam 13 páginas. Nela, D. Pedro II informa também como iniciou seus estudos nessa língua, e a exemplo do Sr. Albino segue:

Quanto ao histórico de meus estudos do hebreu, realizados com o objetivo de conhecer melhor a história da literatura dos Hebreus, principalmente a poesia e os profetas, bem como as origens do cristianismo, eles remontam aos anos de paz antes da guerra do Paraguai, em 1865 (TEIXEIRA, 1917, p. 242).²

Das muitas traduções realizadas por D. Pedro II, há ainda textos que nunca foram editados e publicados, como “A Araucana”, de Ercilla; “Granada”, de Zorrilla; Livro do “Hitopadeça” (original em sânscrito³) e as “Mil e uma noites” do árabe, os quais são objeto de estudo de pesquisadores do NUPROC e da PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina. No presente artigo apresentamos os primeiros resultados das pesquisas realizadas em nível de doutorado⁴.

Hitopadeśa.⁵ o livro dos bons conselhos

O livro do *Hitopadeśa*, um dos textos mais populares da literatura hindu depois da *Bhagavad Gita*, é composto por uma coletânea de 43 histórias escritas originalmente em sânscrito cujo primeiro manuscrito conhecido data de 1373. Atribui-se a autoria da obra ou a simples compilação ao *pandit* Nārāyana, nome evocado apenas nos versos finais do trabalho e que fomenta a especulação quanto a sua autoria. Alude também a um rei chamado Dhavalachandra, suposto patrocinador da obra a quem Nārāyana servia.

Etimologicamente, o termo *Hitopadeśa* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeśa* (instrução, conselho). É o livro dos bons conselhos ou a instrução útil, escrito em prosa e verso de maneira extremamente simples para ser destinado especialmente aos jovens príncipes. Suas máximas e apotegmas foram escritos em metro para garantir uma fácil memorização com um único intuito: transmitir moral e conhecimento, dando aos jovens a formação ética e a filosofia de vida necessária para que se tornassem adultos responsáveis. Para Ferreira & Rónai (1978, p. 57), o livro deve “[...] ser considerado um repertório de conselhos destinados aos príncipes, um dos primeiros espécimes dos ‘Espelhos dos Reis’, tão frequente na Europa Medieval”.

A respeito das edições do *Hitopadeśa*, Sebastião Rodolpho Dalgado (1897, p. xi) acredita que o texto tenha sido, desde os tempos mais remotos, muito copiado “às vezes por escribas pouco peritos e pouco escrupulosos” que minaram a obra com muitas interpolações. Por este motivo, não se encontram dois manuscritos que sejam de fato inteiramente conformes, nem se pode definir a importância dos vários códices que o compuseram, geralmente sem datas, o que dificulta classificá-los genealogicamente. A mais antiga tradução do *Hitopadeśa* que se tem notícia foi publicada em Bath em 1787 por Charles Wilkins, considerado o precursor dos estudos sanscríticos em território britânico. Anos mais tarde, mais especificamente em 1799, a obra seria publicada simultaneamente

em Calcutá e Londres pelo orientalista britânico *Sir William Jones*. Menos de uma década depois, surge nova edição do *Hitopadeśa* no distrito indiano de Serampur, em 1804. O *frisson* causado pelos estudos orientais fez com que a obra de Jones fosse reeditada em Londres em 1810. Em 1829 foi a vez de August Wilhelm von Schlegel e Christian Lassen publicarem a sua edição latina, amplamente criticada pelo professor Peter Peterson por terem os seus editores, na opinião daquele estudioso, desvirtuado o texto para satisfazer suas exigências críticas. Peterson também se ocupou da tradução do *Hitopadeśa*, comparando quatro manuscritos para realizar o seu trabalho, publicado em Bombaim em 1887. Em 1844, o orientalista alemão Friedrich Max Müller publicou o seu primeiro livro, a tradução alemã do *Hitopadeśa*. Anos mais tarde, já em Londres, Müller publica os seus *Handbooks* (1884) para estudo de sânscrito, destinados àqueles leitores que quisessem uma maior familiaridade com a gramática e a literatura da língua clássica da Índia. Para tanto, Müller escolhe como texto-base o *Hitopadeśa*. Londres conheceu outra versão da obra em 1847. Trata-se da tradução de Francis Johnson, publicada pela Wm. H. Allen and Co & Stephen Austin. Para Johnson (1847), o valor do *Hitopadeśa* para a história da narrativa ficcional não reside, todavia, apenas em suas recomendações. A popularidade da obra através dos tempos, segundo o autor, é uma evidência de seu mérito intrínseco e os retratos dos costumes domésticos e da natureza humana, revestidos de peculiaridades de cada país onde a obra se fez presente, podem ter sido reconhecidos como universalmente verdadeiros. Em 1855 o francês Édouard Lancereau, então Membro da Sociedade Asiática, empreendeu a sua tradução da “Instrução Útil”, publicada em Paris pela Chez P. Jannet Librairie. No mesmo período, surgiram várias edições, tanto na Europa quanto na Índia, entre as quais citamos a de Lakshami Náráyan Nyálankár (Calcutá, 1830), Demetriou Galanou (Atenas, 1851), Frederic Princott (Londres, 1880), Schoenberg (Viena, 1884), Ludwig Fritze (Leipzig, 1888) e de José Alemany y Bolufer (Granada, 1895).

Em língua portuguesa, temos duas traduções do *Hitopadeśa*, ambas produzidas em fins do século XIX. A primeira delas é a tradução de Dom Pedro II empreendida na França em 1891 sob o título “Hitopadeça”. Trata-se de uma obra inacabada, jamais editada e que se encontra conservada junto aos documentos do monarca no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Os manuscritos da tradução de D. Pedro II disponíveis em cópia digital totalizam 8 histórias do segundo livro do Hitopadeça, realizada durante o exílio da família imperial. No entanto, o monarca havia iniciado a tradução da obra ainda no Brasil, conforme anotações em seu diário pessoal. Na mesma ocasião, o tradutor revela a sua inclinação por outro clássico da literatura hindu, o poema épico *Ramayana*:

10 de setembro de 1891:

4h 50’ Seibold. Persa, sânscrito. Quero mandar vir do Rio o que já traduzi do que continuo agora a traduzir desejando depois empreender a tradução do Ramayana que é muito bonito poema e mais me agrada que o Mahabarata (Diário do Imperador, volume 41).

A segunda tradução foi realizada pelo religioso indiano radicado em Portugal, Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado, em 1897. Intitulada “Hitopadexa ou instrução útil”, a versão do sacerdote católico foi editada em Lisboa pela Antiga Casa Bertrand, com introdução de Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, eminentemente orientalista português. De acordo com Abreu (1897, p. xvi), Monsenhor Dalgado não se prendeu em ser literato em sua versão portuguesa do Hitopadexa cuidou em ser exato. “A sua linguagem ressentia-se de ele não ter vivido em Portugal – tem o sabor indiano. Há nisso interesse filológico, que não é para se desprezar”. Abreu ainda comenta que Sebastião Dalgado utilizou principalmente o texto em sânscrito da obra de Max Müller, fazendo uso tam-

bém das edições de Peter Peterson e Francis Johnson para realizar a sua tradução.

Até o presente momento, os manuscritos foram transcritos conforme os princípios da Crítica Genética para se estudar o processo tradutório do monarca e tentar estabelecer seu perfil de tradutor e também para oferecer ao público brasileiro um texto inédito que revela um interesse peculiar do imperador não somente pela tradução, mas, sobretudo, pelas culturas, línguas e religiões do oriente. Inicialmente, a materialidade presente nos manuscritos nos sugere um tradutor preocupado em manter-se fiel ao original, além de indicar constantes pesquisas etimológicas e lexicais no decorrer do seu trabalho. Abaixo, excertos da transcrição do material:

Fig. 1: Trecho de transcrição do Livro do Hitopadeça.
Fólio 16 (Maço 041 – Doc. 1064 Cat B [D02 P16]).

As Mil e uma noites

Em relação à tradução das *Mil e uma noites*, foi efetuada a primeira análise genética do material. Nessa etapa da pesquisa,⁶ verificamos, a partir da análise macroestrutural⁷, que a tradução do imperador conserva as características que marcam o livro árabe: os ambientes das noites originais; o uso do verbo “dissendi”; a grande quantidade de versos; não omitiu a fraseologia religiosa e manteve trechos considerados “obscenos”. Optou ainda por manter a divisão da narrativa em noites, não alterou os trechos que apresentam repetições, realizando uma tradução de cunho literal, embora sua linguagem não fique próxima da estrutura da língua portuguesa. Essa análise da macroestrutura possibilitou ainda verificar que o texto fonte utilizado por D. Pedro II foi a edição de Breslau. Através da análise comparada das “noites”, verificamos que havia uma diferenciação entre as traduções.⁸ A partir da 102^a

noite, na história do “Corcunda do Rei da China”, ocorre uma sintetização da narração, o que ocasionou a redução de duas noites na tradução de D. Pedro II. Confirma-se que D. Pedro estava utilizando a edição de Breslau que possui também essa sintetização. Além desse fato, há a própria afirmação do tradutor ao acabar o primeiro volume do livro, em que ele escreve “acaba o volume primeiro da edição da Abicht”, no fólho Cat B [D04 P011], sendo que, Abicht (Habicht) é o organizador da edição de Breslau. E ainda o cotejo entre as palavras (*muladjlidij*; do *ladjladja* = repetiu palavras fallando) presentes na tradução de D. Pedro II e que estão presentes na edição de Breslau comprovam nossa afirmação. Nessa parte da análise verificou-se que a microestrutura do texto comprova o que já havia sido encontrado na macroestrutura: uma preocupação com o original, uma constante pesquisa lexical e etimológica e ainda a utilização de transcrições diretas de palavras de origem árabe para o português, demonstrando esse cuidado com o original e apontando para um tradutor preocupado em compreender e traduzir a cultura e a língua do texto de partida (SOUZA, 2010).

Algumas conclusões

Certamente, o *corpus* até aqui mostrado revela uma história extraordinária e invisível ou até agora pouco contada, a da tentativa de um grande homem brasileiro do século XIX de ser parte de uma aristocracia sem poder, sem títulos, uma sociedade de literatos que estabelece e consagra os grandes escritores.

Escritores e tradutores têm um papel relevante e indispensável nesse novo espaço mundial estabelecido pelos textos: “Como a crítica, a tradução é por si só valorização ou consagração” (CASA-NOVA, 2002, p. 39). Pascale Casanova, ao citar o pensamento de Larbaud, lembra o papel fundamental e tríplice dos tradutores que enquanto traduzem aumentam sua riqueza intelectual, enriquecem sua literatura nacional e honram seu nome. No caso de Dom Pedro

II, com certeza, o primeiro ponto é mais forte e é o que decorre da análise do dossiê genético.

Do dossiê genético fazem parte também diários em que constantes são referências ao seu processo tradutório. São cerca de 5.500 páginas de diário, registradas a lápis e divididas em 43 cadernos. Essas páginas se tornam fundamentais para acompanhar o processo criativo do imperador, pois frequentes são as anotações acerca de sua atividade tradutória e acerca de livros, estudos e encontros. Nos trechos do diário há uma confirmação da constância com que a atividade tradutória era presente em sua vida e o papel importante que desenvolvia na sua aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras e para a sua afirmação no meio literário e não literário. O diário, além de atestar a devoção do imperador ao estudo e às letras, permite a reconstrução daquela particular “República das letras” internacional na qual o imperador almejava ingressar. Para alcançar os membros dessa “República” viajou incansavelmente e quando não conseguia viajar tecia essa rede de literariedade com leituras e, sobretudo, suas cartas e traduções; a tradução se configura a nosso ver como um, se não, o principal meio utilizado para ser aceito nessa comunidade de privilegiados, desde que com sua produção poética não teria alcançado o mesmo sucesso. Além disso, lembramos que um monarca que se dedicasse às letras, produzindo textos próprios, seria considerado um imperador pouco atento aos afazeres políticos, mas um imperador que traduzisse, ainda que muito, textos de outros, seria como todo intelectual da época, alguém que tentava através da tradução desenvolver seu conhecimento e se aprimorar nas línguas estrangeiras; em outras palavras, parecia mais comum que um imperador traduzisse do que produzisse poemas próprios e dedicasse a isso tempo necessário para as questões políticas. A leitura dos manuscritos e do dossiê leva para outra direção, defende-se a tese de que a tradução não era somente uma distração, mas ocupava na vida do governante uma posição estratégica, central e política, que ia além da questão meramente pessoal. Essa afirmação é respaldada pelo estudo gené-

tico e pela reconstituição do percurso invisível feito de encontros, sonetos, poemas, leituras, diários; uma materialidade do intelecto que os vestígios deixados nos arquivos nos permitem reconstruir.

Notas

1. *Je suis désolé qu'il soit Empereur. Il a bien trop de talent et de mérite pour cela* – Tradução nossa.

2. *Quant à l'historique de mes études de l'hébreu, entreprises dans le but de connaître mieux l'histoire et la littérature des Hébreux, principalement la poésie et les prophètes, comme aussi les origines du christianisme, elles remontent aux années de paix avant la guerre du Paraguay, en 1865 [...]* – Tradução nossa.

3. Seus estudos na área de línguas orientais se iniciaram em 1875. Teve como mestre de sânscrito Carlos Henning, de hebraico Akerblom, que foi substituído por Koch, e este por Henning; sendo seu último mestre Seybold que também substituiu o barão Schreiner nas aulas de árabe. Seybold acompanhou o imperador até seus últimos dias de vida, já no exílio (LYRA, 1977).

4. “Gênese do Hitopadeça: a instrução útil na tradução de D. Pedro II”, por Adriano Mafra e “Edição Genética das *Mil e uma noites* de D. Pedro II”, por Rosane de Souza.

5. Hitopadeça, na tradução imperial.

6. SOUZA, Rosane. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

7. Macroestrutura: são as divisões do texto, títulos dos capítulos, apresentação dos atos e cenas, a estrutura da narrativa interna, intriga dramática (prólogo,

exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética e qualquer comentário autoral, assim como instruções de palco. Os dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

8. Para alcançarmos tal objetivo, realizamos o cotejo entre as traduções de D. Pedro II e de Mamede M. Jarouche, visto que este último primou pela fidelidade ao original. O apontamento dessas características nos auxiliou na construção do perfil de tradutor, bem como na descrição da obra traduzida.

Bibliografia

CARVALHO, J. M. D. *Pedro II: Ser ou não Ser*. Coordenação Elio Gaspari e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo, Estação da Liberdade, 2002.

DALGADO, S. R. *Hitopadexa ou instrução útil*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1897.

DOM PEDRO II. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

HOLANDA, S. B. *Capítulos sobre História do Império*. Org. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOLANDA, A. B. & RONÁI, P. *Mar de histórias: das Origens à Idade Média*. Vol 1. 2.^a Ed. Nova Fronteira, 1978.

JAROUCHE, M. M. *Livro das Mil e uma noites: ramo sírio*. 2.^a ed, 2.^a reimpressão. Vol I, II. São Paulo: Globo, 2006.

JOHNSON, F. *Hitopadeśa: the Sanskrit text with a grammatical analysis*. London: Wm. H. Allen and Co./ Hertford: Stephen Austin, 1857.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *D. Pedro II e os sábios Franceses*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1944.

ROMANELLI, S. *A gênese de um processo tradutório: os manuscritos de Rina Sara Virgillito*. 2006. 534 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II. In *Mutatis Mutandis*, Vol.4, nº 2. pp. 191-204, 2011. Disponível em < <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/9989/9872>> Acesso em 12 mai 2012.

SOUZA, Rosane. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis.

TEIXEIRA, M. *O Imperador Visto de Perto*. Rio de Janeiro: Ed. Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

Recebido em 30/08/2012

Aceito em 29/10/2012